

## PARA ALÉM DA ACESSIBILIDADE: UM CINEMA SURDO BRASILEIRO

Giulianna Miguel<sup>1</sup>; Cristina Teixeira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. [giuliannamiguel@hotmail.com](mailto:giuliannamiguel@hotmail.com)

<sup>2</sup>Orientadora. Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. [cristinateixeiravm@gmail.com](mailto:cristinateixeiravm@gmail.com)

**Resumo:** O cinema pouco é entendido como ferramenta social, capaz de criar situações de ensino-aprendizagem. Antes disso, o cinema é ainda menos visto como um forte perpetuador de estruturas e imaginários. Quando da reivindicação mais destacada por acessibilidade nos diversos aspectos da vida social, as conquistas jurídicas podiam se encerrar no ‘cumprem porque tem que cumprir’, sem suprir demandas de representatividade - expresso no lema ‘Nada sobre nós, sem nós’, por exemplo. E o cinema sofre justamente com a falta de representatividade (tanto na tela quanto atrás das câmeras, sobretudo) dessas minorias emergentes nas últimas décadas enquanto movimentos sociais visibilizados e que passam a influenciar nas legislações, paradigma máximo do Estado democrático de direito. Partindo assim de discussões iniciais, porém pouquíssimas estudadas nas graduações de cinema e comunicação social, pretende-se fazer um panorama histórico dos marcos legais sobre pessoas com deficiência, apresentando a acessibilidade comunicacional no cinema (já obrigatória por lei) e depois focando na pessoa surda e nas referências existentes de cineastas surdas/os no Brasil, para chamar atenção dos colegas para a potência educativa de oficinas de cinema com surdos e ouvintes nas escolas, por exemplo, bem como para a necessidade de adotar outro paradigma no fazer cinematográfico e no ensino de cinema, considerando a negociação estética e de conteúdo que ocorre com o surgimento dessas reivindicações, em paralelo ao que ocorre com os cinemas negros, de mulheres, LGBTQIA+, entre outros.

**Palavras-chave:** cinema; surdo; acessibilidade; representatividade; Libras.

Nas últimas décadas, o movimento social de pessoas com deficiência (PCD) vem impulsionando a legitimação de seus direitos perante a lei e a visibilização de suas reivindicações por acessibilidade arquitetônica e de mobilidade urbana, como também na cultura, esporte, lazer e meios de comunicação. Nos anos 1950, ganharam destaque as denúncias contra barreiras físicas no meio urbano para pessoas em reabilitação, deficientes físicos, pessoas de proporções fora de um ‘padrão’ estabelecido, etc. Na década seguinte, instituições de ensino superior passariam a adaptar seus edifícios para entrar em conformidade com os requisitos do dito acesso universal. Mais tempo depois, foram surgindo centros e associações com o objetivo de estimular a autonomia e a independência das PCD, em paralelo à declaração da ONU de 1975 sobre os direitos dessa população. Na década de 1980, aparecem mais declarações e programas para reduzir as barreiras que viessem a diferenciar as oportunidades, tendo sido 1981 o ano internacional das pessoas deficientes. Com o fim do milênio, outros documentos são feitos com metas e acordos entre países para adotarem o novo paradigma de inclusão, com ares de comprometimento, e novos termos são convencionados na área, sendo hoje a expressão mais usada ‘pessoas com deficiência’, por reivindicação e defesa da própria população, uma vez que ‘deficiente’ os reduz à uma condição específica de maneira totalizante. De fato, algumas metas foram sendo cumpridas e houve conquistas no âmbito legal. Em 2004, foi estabelecido o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, com o lema "Nada sobre nós sem nós". Dois anos depois, a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência seria assinada por mais de 160 países e publicada pela ONU, dando base para o decreto nº 6.949 de 25 de agosto de 2009 no Brasil, que em seguida endossaria a Lei

Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, de 2015, conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência. A última redação do ENEM teve como tema a educação de surdos, e a Lei de Cotas de 2012 foi alterada para incluir as PCD no acesso ao ensino superior.

Com esse movimento de afirmação identitária e por direitos, a representação sobre as diversas deficiências pôde variar de um longo histórico relegado ao apagamento e ao escárnio para um cenário onde já há pessoas ativas e participantes da vida social, cultural, econômica e política, lutando para que a inclusão seja plena realmente. Na área do cinema, a ANCINE (Agência Nacional do Cinema) publicou uma Instrução Normativa em 2017 - que atualiza IN's prévias de 2016 e 2014 - tornando obrigatórios os recursos de acessibilidade comunicacional em obras financiadas por recursos públicos federais geridos pela agência. Assim, diante de todas as conquistas, num contexto que justifica a maior profissionalização dessa população e sua inserção no mercado - a exemplo da primeira repórter Down, Fernanda Honorato -, a sociedade, o ensino e o cinema ainda discriminam, preterem e apagam as pessoas com deficiência, reafirmando antigas e latentes práticas culturais.

Dito isso, o objetivo desta comunicação é apresentar os recursos de acessibilidade comunicacional no cinema, por meio do que tem sido feito em Recife; focar na população surda e na afirmação de suas identidades, com um breve histórico das abordagens da educação de surdos (oralismo x Libras), trazendo possíveis implicações desse embate na espectralidade surda, para em seguida apresentar referências do cinema surdo brasileiro, tão escassas no imaginário de quem estuda comunicação, de quem leciona e mesmo do próprio público de audiovisual em geral na era digital. Por fim, serão apresentadas propostas metodológicas para um cinema misto (surdos e ouvintes, pessoas com e sem deficiência) a partir do local de fala da autoria de pessoa ouvinte e sem deficiência, tomando como exemplo um exercício audiovisual realizado com dois não-atores surdos para a disciplina de 'Direção'.

A pesquisa é inicial e se dá por meio de: leituras na internet diversas e de artigos de laboratórios temáticos da UFSC e da UECE; pelo aprendizado de Libras há dois anos através do contato com surdos na universidade, estimulado na disciplina eletiva 'Audiovisual e Acessibilidade', ministrada por Liliana Tavares em 2016.2; pelo curso introdutório de Libras ofertado no mesmo semestre pelo NACE - Núcleo de Acessibilidade da UFPE; pelo curso de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais, no CAS - Centro de Apoio ao Surdo, em 2018.1; pela redação do projeto de extensão 'Cinema Surdo', que visa engajar estudantes e docentes em estudos teóricos, cineclube, realização de curta-metragem com a equipe mista e ao fim um festival de cinema surdo, porém que ainda não saiu do papel devido à falta de interesse/disponibilidade de estudantes e docentes; e pelo estágio em acessibilidade comunicacional para filmes nacionais, que proporciona práticas relacionadas aos três recursos (audiodescrição, Libras e LSE - Legenda para Surdos e Ensurdidos), bem como propicia a apreciação das falas de pessoas com deficiência nos debates pós-filme. Futuramente, a ideia é fazer parcerias, co-autorias, entrevistar cineastas Surdas/os, visitar o festival Despertacular de cultura Surda em Brasília e de fato estar alimentando a inclusão.

### **Acessibilidade comunicacional**

Há convencionadas algumas facetas da acessibilidade, sendo elas a arquitetônica, a metodológica, a instrumental, a programática (referente a leis), a atitudinal (diz respeito a preconceitos e atitudes perpetuadas no imaginário cultural) e a comunicacional, que se aplica aos meios de comunicação, à cultura, ao lazer e turismo, etc. No cinema, falamos de três recursos: a audiodescrição, a janela de Libras e a legenda para surdos e ensurdidos (LSE),

por vezes chamada de legenda descritiva; sendo todas integrantes da área das TAV's, traduções audiovisuais.

A audiodescrição traduz imagens e elementos visuais para palavras, dando acesso à pessoa cega ou com baixa visão a esta camada das obras, favorecendo ainda pessoas com deficiências visuais quaisquer, autistas, pessoas com síndrome de down, idosos, por sua qualidade de ajudar a concentrar também. Na verdade, o primeiro contato com a audiodescrição é sempre marcante, conforme as pessoas cegas relatam geralmente, pois se trata de outro tipo de comunicação que nem é visibilizada e adotada pela sociedade, quanto mais para a pessoa cega congênita que em muitos casos lida com o isolamento e protecionismo da família, sem poder desenvolver suas capacidades de socialização. Esse recurso se orienta com base nos filmes narrativos (estrutura mais legitimada, porém não a única possível no cinema), ditando que quando não há diálogo, uma outra voz, diferente de narração ou qualquer outra possibilidade dentro da diegese do filme (seu universo ficcional), seja inserida traduzindo a imagem. Por exemplo, uma cena qualquer de abertura de filme pode geralmente ter a seguinte audiodescrição: 'em letras brancas sob fundo preto' e em seguida diz o título correspondente. Tudo depende na verdade do clima e da ambientação, o que influenciará a escolha das palavras, a cadência, o tom da narração. E o tempo disponível, segundo essa máxima de que a audiodescrição entra quando não há diálogo (por cima de músicas ou no silêncio), determina a velocidade também de palavras por minuto na narração. Por vezes se utilizou de narração automática, eletrônica, para baratear o processo de acessibilização, o que é extremamente rechaçado pelos usuários, que alegam serem privados da emotividade, da atmosfera do filme, ou da peça, da dança, etc. Assim, o trabalho começa com uma roteirização, depois a revisão, a consultoria por uma pessoa cega, e a narração.

O segundo recurso, a janela de Libras, se refere a um oitavo da tela, geralmente no canto inferior direito, onde uma pessoa intérprete de Libras aparece traduzindo com a máxima sincronia possível os diálogos e indica os sons significativos para a trama. O processo se dá então com essa elaboração da tradução e pesquisa de sinais e palavras desconhecidos, para ir para a consultoria surda, e então para a gravação pelo intérprete ou pela intérprete. Ela pode usar, conforme o padrão, uma camiseta preta, e sinaliza da cintura até um palmo acima da cabeça. Isso é gravado em estúdio, com fundo verde e a iluminação correta, para que na edição, outra profissional insira isso através de um software no computador. Hoje, além do contorno propriamente dito e fundo opaco, como é comum no horário eleitoral por exemplo, já se abrangem outros formatos, deixando o fundo transparente ou translúcido e fazendo com que a pessoa apareça recortada, no mesmo canto. Isso preserva mais da imagem original. Os testemunhas de jeová tem um trabalho notável com a tradução em Libras e geralmente utilizam todo um elenco correspondente aos personagens e até mesmo figurinos muito próximos ou os mesmos, o que é muito bem aceito para os que usufruem da tradução, sem ser uma alternativa barata e adotada pela regulamentação oficial da ANCINE, conforme veremos à frente.

Por último, a legenda para surdos e ensurdecidos (LSE), sob a mesma lógica da Libras, indica os diálogos de maneira mais completa possível de acordo com as limitações de caracteres por linha e caracteres por segundo, estabelecidos segundo pesquisa para uma leitura confortável, e indica também os falantes, quando não aparecem em tela explicitamente, ou quando há um narrador, etc; e efeitos sonoros como uma explosão que o personagem verá no plano seguinte, ou uma batida de porta não indicada na imagem, essencial para justificar o surgimento de um personagem; caracteriza a trilha sonora, enfim, todos os sons extracampo. É importante diferenciar a LSE de uma transcrição fidelíssima, pois em muitos casos, para caber nos 32

caracteres (ou 37, dependendo do veículo) sugeridos pelo guia do MINC para acessibilidade em produções audiovisuais, se faz necessário cortar marcas de oralidade (né, daí, ...), redundâncias, adaptar falas, etc; bem como é necessário diferenciar a LSE do closed caption (próprio da TV) devido a que as regras específicas sejam outras. Muitas vezes, pensa-se que a legenda basta para que o surdo veja o filme. Esquece-se que o cinema nacional nunca é legendado e nunca seria, não fossem as campanhas e manifestações da comunidade Surda ('Legenda para quem não ouve, mas se emociona'), além de que muitas pessoas surdas no Brasil são, na infância, isoladas e privadas de desenvolverem suas capacidades de socialização, mantendo-se infantilizadas, sem poder aprender sua língua nativa, a Língua de Sinais Brasileira, muitas vezes; devido ao desconhecimento geral, ao senso comum, à discriminação, à falta de acessibilidade e inclusão no serviço público de educação, enfim. A Libras é uma língua natural, nativa dos surdos brasileiros, e uma manifestação de sua cultura. Não tem por objetivo segregar surdos e ouvintes. Pelo contrário, quer afirmar a diferença, a diversidade, junto da tolerância e da convivência. E quando nossa L1 (língua nativa) é o português, dificilmente veremos um filme de Portugal, sem uma tradução para nossa L1. É uma analogia precipitada, porém que dá conta de entender o quanto legenda em português não é acessibilizar um filme para o público surdo, que é tão variado. Poderá haver pessoas contempladas, como as ensurdecidas depois de adultas e alfabetizadas em língua oral (modalidade diferente da Libras, que é visuo-espacial e se utiliza do corpo e da visão para enviar e receber as mensagens). Mas aquela pessoa que nasceu surda e não foi alfabetizada em português, precisa da Libras. Há ainda grandíssima parcela dos surdos no Brasil que nem alfabetizados em Libras são, e aí onde reside a importância maior de se acessibilizar o cinema com os ditos recursos, uma vez que se tornam instrumentos lúdicos de alfabetização.

“Art. 1º Todos os projetos de produção audiovisual financiados com recursos públicos federais geridos pela ANCINE deverão contemplar nos seus orçamentos serviços de legendagem, legendagem descritiva, audiodescrição e LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.” (Instrução Normativa nº 132, ANCINE, 2017)

Assim, os recursos da acessibilidade comunicacional se tornam obrigação dos realizadores e produtores das obras, e aos exibidores, cabe à responsabilidade de equipar suas salas (até os próximos meses) com aparelhos da audiodescrição (transmissor, fones de ouvido) e tecnologias para a fruição 'fechada' da Libras e da legenda, isto é, que seja visível apenas a quem quiser e optar por isso, mas não a todo o público.

Nos diversos estados do Brasil, tem havido avanços e profissionalização de agentes da acessibilidade comunicacional (audiodescritores, intérpretes de Libras, legendistas, consultores), e lá fora tem havido avanços tecnológicos que permitem essa visualização fechada, diferentemente do que ocorre com o incômodo celular, no caso da Libras, que o usuário fica segurando durante toda a sessão, ou mesmo apoiado no assento da frente, mas que acaba iluminando as cadeiras ao lado e tirando o 'conforto' dos espectadores, quebrando o dispositivo da caixa escura. Assim, há um óculos que foi apresentado no VerOuvindo 2017 - Festival de filmes com acessibilidade comunicacional do Recife, e que se parece com um óculos 3D do sistema polarizado (os pretos), disponível há alguns anos nos multiplex, por meio do qual vemos num dos cantos a nossa escolha uma projeção da interpretação de Libras.

O festival VerOuvindo, que contou com sua primeira edição no ano de 2014, nasceu voltado para a audiodescrição e para dar a ver os profissionais envolvidos e inseri-los com afinco na produção audiovisual do Recife. De lá para cá, sempre foi trazendo palestras, nomes de fora do estado e do país para dar cursos e oficinas, além de incentivar a produção de acessibilidade trazendo a mostra competitiva e a premiação. Em seu segundo ano, já expandiu a proposta para as outras acessibilidades comunicacionais e passou a contemplar os três recursos, criando também em paralelo o Encontro Internacional de Audiodescrição do Recife. Nos últimos anos houve também a iniciativa do Encontro de Acessibilidade Comunicacional do Recife, endossando a cena. E hoje a cidade conta com algumas empresas sérias que fazem o trabalho da acessibilização e é contemplada por uma sessão quinzenal gratuita de um filme nacional acessibilizado com os três recursos e exibidos de maneira aberta, num cinema público (Projeto Alumiar - Sessão Acessível do Cinema da Fundação Joaquim Nabuco), que tem sido responsável inclusive por mostrar a importância da consultoria de PCD na realização de cada recurso, principalmente estimulando a formação de consultores na LSE, um pioneirismo na cidade, e com os Encontros Alumiar de Cinema Acessível. Há uma notável produção de canais no youtube, por youtubers surdos. Nesse formato, Recife foi berço do canal Janela dos Dias, apresentado por um intérprete de Libras e totalmente acessível, entrevistando profissionais da acessibilidade comunicacional, com e sem deficiência; além do canal Allybras, vlog de dois ‘xarás’, um surdo e outro, ouvinte (intérprete de Libras em formação), discutindo assuntos variados. Apesar dessas iniciativas, ainda é extremamente lenta a formação de público (especificamente do público com deficiência e notadamente do público com deficiência visual), é extremamente lenta a conscientização do público sem deficiência sobre a acessibilidade e dos realizadores de audiovisual sobre o trabalho de acessibilização - não a partir do viés da obrigatoriedade legal, mas do respeito para com o público em termos de qualidade, que vá permitir a fruição plena e o debate equiparado, mas muitos afirmam que a acessibilidade *suja* o enquadramento pensado e longamente negociado entre o diretor e o fotógrafo, fica muito confuso com o áudio em cima.

### **Identidade Surda e espetatorialidade**

A sociedade, assim como todas as PCD ao longo do tempo, tendeu a tratar os surdos como inferiores. Na história recente, a denominação surdo-mudo, até hoje muitíssimo usada, remete a uma pessoa sem fala, sem subjetividade. A corrente do oralismo pregava justamente a amarração das mãos, venda nos olhos e qualquer tipo de tortura que impedisse o desenvolvimento da língua nativa e disciplinasse esses corpos para o padrão, ou seja, a cultura do ouvinte e a oralização forçada. Hoje, alguns casos em que o poder aquisitivo permite ou em que há acesso por meio de agentes sociais ou educador/a, a pessoa surda pode ser oralizada com métodos seguros, porém não livre de um embate com a comunidade Surda, de um embate com a sociedade de toda forma, e de questionamentos acerca de sua identidade. Há no mínimo sete tipos de identidade surda, entre a resoluta/orgulhosa, a intermediária, a híbrida, ou até mesmo a ouvinte, que nega o ser Surdo. Aliás, toda a discussão parte da premissa de que o ser Surdo não é doente, mas na verdade uma identidade cultural, e que a Língua de Sinais (e não linguagem, uma vez que tem toda a estrutura rígida de uma língua, ao contrário da mímica) é sua fala, sua expressão e manifestação de seu pertencimento. Estas pessoas podem sim ter problemas nas cordas vocais, no entanto não é o mais comum e nada tem a ver com o fato de não oralizarem e de sua língua ter a modalidade visuo-espacial, asseguradamente natural, com um locutor que emite a mensagem com o movimentos das mãos em determinadas configurações, tipos, direcionalidade, etc, aliado às expressões não-manuais (faciais, posturais, entre outras), e um receptor que usa a visão para perceber a mensagem. No caso das pessoas surdocegas, a língua de sinais é praticada na modalidade tátil,

e não aérea, com a diferença de que o receptor usa as mãos, isto é, seu tato, para perceber o discurso, entre outros métodos de comunicação.

Depois de a Libras se tornar reconhecida como a segunda língua oficial no Brasil, reconhecidamente com o estatuto de língua, autorizada, visibilizada, ela foi sendo cada vez mais notada, tendo sido até o último tema da redação do ENEM e sendo analisada em diversos estudos nas graduações de Letras, Pedagogia, Música, Sistemas de Informação (na área das tecnologias assistivas), Cinema, e assim por diante.

Estudos têm sido divulgados e endossados pela ANCINE sobre a ausência de diretoras negras nas últimas *décadas* do cinema nacional, apesar de mulheres negras serem um quarto da população, coincidentemente a mesma porcentagem de pessoas com deficiência no Brasil. E a corrente intelectual dos estudos culturais (a exemplo de Stuart Hall, entre outros) nos mostram o quanto nosso contemporâneo é regido por um clamor pelas identidades e a demanda por representatividade. Quem pode falar pelo meu lugar de fala sou eu. Mulher negra lésbica ou surdo evangélico recifense. Seja qual for a identidade, a disputa nas narrativas e nos territórios exige que falemos a partir de nós mesmos, cada qual que ocupa determinada posição na sociedade, de acordo com os mais variados recortes. Por isso talvez em projetos como o Alumiar, acima mencionado, haja reações do tipo: ‘quero um cinema falado em Libras, não quero uma janelinha pequena no canto da tela’, e aí é onde vemos que não basta um filme ser traduzido culturalmente para uma outra língua, há também a necessidade de expressar-se pela imagem através da própria chave cultural, linguística e de interpretação do mundo.

Em seu ensaio “O olhar opositivo - a espectadora negra”, bell hooks situa a longa trajetória de negação e fetichização desse corpo no cinema e como a espectadorialidade não se trata de um processo passivo, em que a imagem é depositada no imaginário e manipula toda uma geração, que exclui a intensa negociação com que essas referências se instalam e se adaptam na subjetividade das mulheres negras - os corpos do ‘outro’ em questão. No entanto, em processo análogo, a pessoa surda representa o olhar opositivo dentro de uma cultura ‘ouvintista’, que ignora sua percepção de mundo, subestimando e infantilizando a todo momento o ‘outro anormal e coitadinho’. bell hooks é o pseudônimo de uma intelectual negra estadunidense que questiona as convenções linguísticas e acadêmicas ao grafar seu nome em letras minúsculas, chamando atenção para o conteúdo do que escreve, e não para a figura de si, como clama o padrão da autocitação egoica da academia. E o que é a Libras, e as línguas de sinais em geral, senão uma subversão, uma intromissão e quebra de convenção linguística e acadêmica nas décadas passadas? O olhar opositivo trata de um olhar crítico, que se manifesta quando surge uma campanha como a Legenda para quem não, ouve mas se emociona - demandando legenda nos cinemas de shopping, criada por Marcelo Pedrosa

Assim, as teorias de cinema já têm refletido e discutido a importância de os processos criativos serem protagonizados por pessoas diferentes do homem branco cisgênero heterossexual, ao ter por exemplo mulher na direção, pessoa surda no roteiro, pessoa negra na fotografia, personagens com deficiência devidamente representados e não estereotipados, protagonistas gordas, e assim sucessivamente. Portanto, é grande o papel da universidade, do ensino formal em geral, em formar cineastas sem deficiência conscientes do direito do público com deficiência e aptos a dividirem set e toda a produção com PCD, incluindo ultrapassar as barreiras atitudinais, ter um intérprete de Libras previsto nas diárias, falar descritivamente para pessoas cegas; da mesma forma que é responsabilidade do ensino formal graduar pessoas com deficiência em toda e qualquer área, irrestritamente, dando as condições devidas de acessibilidade.

## **Cineastas Surdas/os**

Iniciar um curso de Cinema e Audiovisual numa universidade federal e não se deparar em nenhum momento na grade com questões de acessibilidade é sintomático e preocupante. A partir da graduação numa capital, em Pernambuco, as coisas parecem um pouco mais efervescentes, causando uma dupla preocupação no momento em que as discussões e práticas não ultrapassam os muros da universidade, distanciada de muitas realidades periféricas, interioranas. A partir da inclusão de pessoas com deficiência na Lei de Cotas no acesso ao ensino superior, pode ser que o quadro no fim de tal política (em 2022) nos mostre mais realizadoras cegas, surdas, com baixa visão e outras deficiências. É preciso quebrar o preconceito de que cinema não é para elas. Assim, na UFSC, uma coda (filha de pais surdos que vive a cultura surda desde pequena e que fora de casa vive a cultura ouvinte), Ronice Quadros, desenvolve uma ampla pesquisa sobre a Libras e sobre a pessoa Surda, tendo projetos e laboratórios focados, além de a primeira série audiovisual falada em Libras ter surgido nessa universidade, a ‘Crisálidas’. Os trabalhos tem sido de referência assim como na UECE, que também conta com um laboratório de legenda e audiodescrição e tem lançado artigos importantes sobre a recepção de surdos a novos parâmetros de velocidade e caracteres por minuto na LSE. O Ceará, esse mesmo estado do nordeste, formou a primeira cineasta surda, Yanna Luisa Timbó, cujo TCC foi um

‘videodocumentário sobre o tema educação inclusiva para o surdo. Yanna roteirizou, dirigiu e atuou na linha de frente do videodocumentário, que tem cerca de 10 minutos e é bilíngue por ter áudio em português e tradução para libras. O fato, inédito na história do audiovisual cearense, é de grande relevância nacional. (...)’

A escolha do tema, educação para surdos no Ceará, foi fácil, por sua própria vivência. “Faço parte, literalmente, do projeto, por ter exposto minha vida, meus sofrimentos e agora estar aqui, realizada e vitoriosa, apesar de tudo” [Yanna]’ (Unifor gradua primeira cineasta surda, notícia do portal G1, 2015)

O relato de Yanna ilustra a busca pela representatividade surda a partir da fala de Surdos, mesmo que seja um grande grupo de identidades, incluindo também a identidade de Yanna enquanto Surda com implante coclear, uma polêmica delicada tanto para a comunidade Surda quanto para famílias ouvintes cujos bebês nascem surdos ou ficam ensurdecidos nos primeiros anos de vida.

## **Propostas metodológicas na arte-educação**

Como relato pessoal, num exercício da disciplina de Direção, contatei alguns colegas surdos de Letras-Libras e apresentei um roteiro onde uma garota entrava na faculdade e simulava ser ouvinte com sutis comportamentos feito usar fones de ouvido na fila do restaurante universitário. Ela estava na fila gigantesca e ao avistar um surdo, tira os fones rapidamente e os guarda. Procurando pelo colega, ele aparece subitamente em sua frente - a partir de um jogo com os eixos de câmera e encadeamento dos planos na montagem do filme - e conversa

com ela. No entanto, suas mãos estão estranhas, como se fossem de outra pessoa e ela se assusta ainda mais. Ao responder utilizando-se de gestos, ela percebe que suas mãos estão do mesmo jeito. Na verdade, trata-se de um jogo existente na literatura Surda em que alguém coloca os braços pra trás e outra pessoa sinaliza substituindo os braços e criando uma figura dupla, frontal em que a fala em Libras é dissociada da expressão facial, que é um elemento importantíssimo constituinte da sinalização, como uma espécie de jogo de dublagem para os ouvintes. Ao tomar contato com essa referência num congresso organizado pelo PET de Letras, incluí no roteiro e submeti a aprovação dos colegas surdos da outra graduação. Eles deram um retorno positivo e aceitaram gravar. O enredo termina com a menina se acalmando e novamente com o jogo a partir dos eixos com a câmera e com a montagem, quando ela se vê com as mãos em seu estado natural, tendo seus braços de volta e relaxa. Ele fala que a fila está muito grande e sugere que almoçem em outro lugar. Ela consegue entender e aceita. O filme é todo falado em Libras. Se trata de um exercício com poucos minutos, realizados por pessoas ouvintes e protagonizado por pessoas surdas, que apesar desse limite, ainda se mostra enquanto uma possibilidade potente de tolerância e convivência com a diferença, de conhecimento do 'outro'. Durante a gravação, vários curiosos na fila não puderam disfarçar a surpresa de ver uma filmagem tanto mais por ser uma cena em língua de sinais. Os estudantes de cinema, em sua maioria, não sabem Libras e sempre ao final perguntavam o que dizia o diálogo, quando mostrados ao filme. Outros surdos gostaram bastante do resultado e isso abriu caminhos para mais projetos de co-direção e realização coletiva.

Antes até, alguns meses, já havia esboçado um projeto de extensão com essa temática para dar encaminhamento a um roteiro de terror feito por um colega surdo, porém as graduações sofrem demasiadamente com a falta de interesse na extensão e muitas vezes não há ninguém do corpo docente que pesquise qualquer coisa minimamente próxima do tema, na área cinematográfica, com exceção de doutorandos.

Com esse exemplo, é possível aplicar em sala de aula, na escola, atividades lúdicas em aulas de arte e português, ou sim biologia, química, educação física, por que não?, o uso do cinema como engajador no conteúdo e revelador de interessantes dinâmicas de grupo, propiciador de relações de afeto e afecção entre PCD e pessoas sem deficiência, ensinante e aprendente. Propor oficinas de roteiro, convidando estudantes de cinema das universidades, ou de grupos e produtoras da cidade, tematizando com o conteúdo a ser aprendido, também repassa para outras turmas, inclui a realidade das tecnologias e do virtual para a sala de aula, que acaba por debater e orientar criticamente, aconselhar, sobre o uso dessas ferramentas, e ser algo mais participativo e de representatividade, não só integrando os alunos, como incluindo-os às conversas dos grupos e propondo a prática da Libras em situações de conversação, dado que a turma será também a atriz em cada filmagem, usando o corpo e a visualidade em exercícios como os do teatro do oprimido, de Augusto Boal, etc.

## **Conclusão**

As obras citadas mostram o protagonismo surdo e a produção mista, com pessoas ouvintes e sem deficiência, na equipe de realização audiovisual. É preciso que a maioria sem deficiência prestes a ingressar o mercado, entenda que a janela de Libras, a audiodescrição e a LSE estarão presentes numa versão do produto final e que é dever acompanhar, prestar atenção, demonstrar interesse e dialogar com as PCD. É preciso que o corpo docente das universidades não fique estanque e se proponha a pesquisar, difundir, se atualizar e orientar artigos e projetos de extensão. Por ora, parcerias com graduações de Letras e Pedagogia podem gerar mais propostas de oficinas em escolas públicas, servindo como ferramenta de empoderamento

de alunos surdos nesses espaços e de inclusão de pessoas com deficiência em geral, uma vez que a audiodescrição também é uma prática que começa a se inserir no vocabulário e no hábito de cada vidente, e o cinema passa a ocupar outro local que não o de ilustrar aulas, mas o de se colocar como expressão artística e urgente, como demanda social, criação coletiva e altamente potente e facilitadora de situações de ensino-aprendizagem. O tema precisa ser aprofundado, analisado, discutido em grupo, por mais e mais graduandos, docentes, sociedade em geral, pois as possibilidades são infinitas e tendem para a inclusão, para a acessibilidade e para a transformação. Com a entrada de mais pessoas com deficiência na área do audiovisual, podendo se formar, e não só como consultores de acessibilidade mas como cineastas, o cinema será mais inclusivo.

## Referências

**CONVENÇÃO** da Pessoa com Deficiência. ONU, 2006. Disponível em:

<[http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencao\\_pessoacomdeficiencia.pdf](http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencao_pessoacomdeficiencia.pdf)>. Acesso em setembro de 2018,

**ESTATUTO** da Pessoa com Deficiência. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)>. Acesso em setembro de 2018.

**TAVARES**, Liliana (org.). **NOTAS PROÊMIAS**. Recife, 2014. Disponível em:

<[https://edutec.unesp.br/images/stories/redefor2-ee-ei/1ed-ee-ei/Ebook/Notas\\_Proemias/index\\_textos.html](https://edutec.unesp.br/images/stories/redefor2-ee-ei/1ed-ee-ei/Ebook/Notas_Proemias/index_textos.html)>. Acesso em setembro de 2018.

**I Festival de Filmes com Audiodescrição do Recife**. Recife, 2014. Disponível em:

<[http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3424:cinema-da-fundacao-exibira-i-festival-de-filmes-com-audiodescricao-do-recife-verouvindo&catid=44:sala-de-imprensa&Itemid=183](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3424:cinema-da-fundacao-exibira-i-festival-de-filmes-com-audiodescricao-do-recife-verouvindo&catid=44:sala-de-imprensa&Itemid=183)>. Acesso em setembro de 2018.

**UNIFOR** gradua primeira cineasta surda do Ceará. Fortaleza, 2015. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/ceara/especial-publicitario/unifor/ensinando-e-aprendendo/noticia/2015/07/unifor-gradua-primeira-cineasta-surda-do-ceara.html>>. Acesso em setembro de 2018.

**GUIA** Orientador para Acessibilidade de Produções Audiovisuais. Disponível em:

<[https://www.camara.gov.br/internet/agencia/pdf/guia\\_audiovisuais.pdf](https://www.camara.gov.br/internet/agencia/pdf/guia_audiovisuais.pdf)>. Acesso em setembro de 2018.

**LEI** de cotas, alteração 2016. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2016/Lei/L13409.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2016/Lei/L13409.htm)>. Acesso em setembro de 2018.

**INSTRUÇÃO Normativa** nº 132. ANCINE, 2017. Disponível em:

<<https://www.ancine.gov.br/pt-br/legislacao/instrucoes-normativas-consolidadas/instrucao-normativa-n-132-de-15-de-mar-o-de-2017>>. Acesso em setembro de 2018.

**RESOLUTA.** Direção de Giulianna Miguel. Recife, 2018. 2min25s. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1PkRYts79RoC73NGH9NQeeQOj8oIz-nP7/view?usp=sharing>>. Acesso em setembro de 2018.

**Portal** do LEAD/UECE: <<https://grupoleaduece.blogspot.com.br/>>; Acesso em setembro de 2018.

hooks, bell. **O olhar opositivo - a espectadora negra.** Disponível em: <<https://foradequadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/>>. Acesso em setembro de 2018.

**ANCINE apresenta estudo sobre diversidade de gênero e raça no mercado.** Disponível em: <<https://www.ancine.gov.br/pt-br/sala-imprensa/noticias/ancine-apresenta-estudo-sobre-diversidade-de-g-nero-e-ra-no-mercado>>. Acesso em setembro de 2018.

**Portal da série Crisálidas.** Disponível em: <<http://www.seriecrisalida.com.br/>>. Acesso em setembro de 2018.